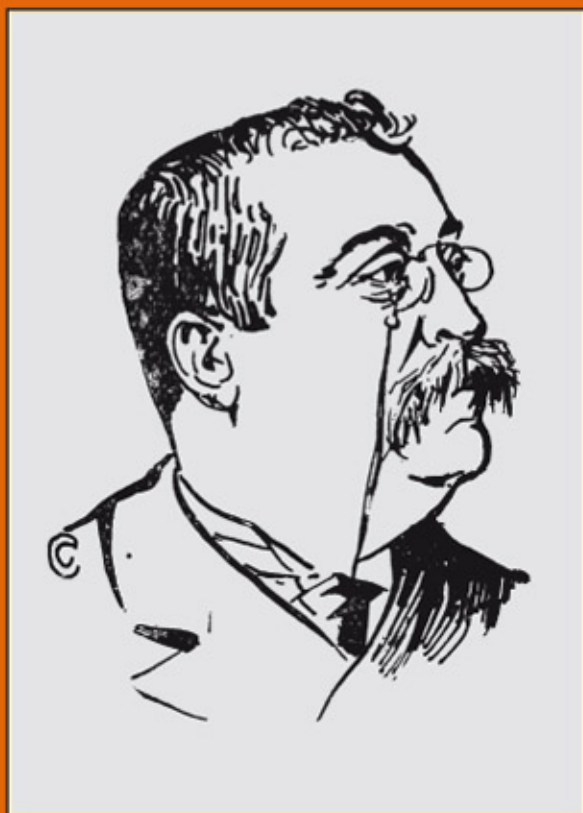


Afonso Rocha

# O MAL NO PENSAMENTO DE SAMPAIO (BRUNO)

UMA FILOSOFIA DA RAZÃO  
E DO MISTÉRIO

Vol. II



temas portugueses

*PARTE TERCEIRA*

**A «DESCONTINUAÇÃO» DO «SÊR»: O «MYSTERIO  
INDECIFRAVEL»  
DA ORIGEM E DO FIM DO MAL**

## CAPÍTULO I

### A «DESCONTINUAÇÃO» DO «SÊR»: A ORIGEM E A NATUREZA DO MAL

Conforme se comprovará, a concepção de Sampaio (Bruno) sobre a origem e a natureza do Mal está em profunda consonância com a globalidade do seu pensamento filosófico, muito designadamente com o pensamento metafísico que ele consagra quanto às concepções de «absoluto», de «necessario», de «contingente», de «possível» de «finalidade» e de «causalidade» e quanto às questões relacionadas com a «essencia» do «sêr» («o infinito absoluto»), com a existência ontológica e «necessaria» do Mal, com a concepção de que o essente (mundo, «matéria») só pode derivar do «sêr», com a «necessidade substancial» da «matéria», com a «necessidade derivada» do mundo, com a «ordem» do mundo como «mecanismo teleológico», com a positividade ontológica do Conhecimento e com a possibilidade do «milagre» e/ou do «mysterio».

Porém, de entre as concepções e as questões mencionadas, será sobretudo no pensamento metafísico relacionado com a «essencia» do «sêr», com a concepção de que o essente só pode derivar do «sêr» (e não do «nada») e com a possibilidade do «mysterio» que Sampaio (Bruno) faz radicar o carácter decisivo da explicação e da inteligibilidade da sua concepção sobre a origem e a natureza do Mal.

Com efeito, é essencialmente porque concebe o «sêr» («o infinito absoluto») à luz da «quantidade» («Tempo puro», «homogeneo») e da «qualidade» («Perfeição», «espírito puro»), é essencialmente porque concebe o «sêr» como possibilidade de «des-

continuação» («mudança», «desenvolvimento»), é essencialmente porque concebe que todo e qualquer essente só pode derivar do «sêr», é essencialmente porque concebe a possibilidade da «descontinuação» do «sêr» e do essente ao nível da razão, que Sampaio (Bruno) pode conceber o Mal como resultado da «descontinuação» do «sêr» («o infinito absoluto»), pode conceber o Mal ao nível do mundo («tempo» e/ou «matéria») e ao nível de Deus («não onipotência» divina), pode conceber em termos inteligíveis o Mal como um essente autometafísico. E porque assim é, porque a concepção de Sampaio (Bruno) sobre a origem e a natureza do Mal, a par de revestir evidente peculiaridade (pelo menos entre nós), subsume sobretudo o mérito de equacionar a possibilidade da afirmação de Deus e do Mal, nós, no presente estudo, visando criar condições para um ajuizamento fundamentado sobre o carácter de originalidade e de inovação das perspectivas que Sampaio (Bruno) consagra, para além de procedermos à caracterização dos termos sob que Bruno equaciona a concepção da origem e da natureza do Mal, também procederemos à identificação de eventuais referencialidades, fontes e influências que possam estar presentes no pensamento de Bruno, sejam elas de natureza predominantemente metafísica (E. Hartmann, F. Schelling, H. Spencer), sejam elas de natureza predominantemente mística (I. Lúria, I. l'Aveugle).

### **O Mal no mundo e em Deus**

Em consonância com o que se acabou de dizer, a concepção de Sampaio (Bruno) sobre a origem e a natureza do Mal assenta essencialmente em quatro grandes pressupostos do seu pensamento metafísico: na concepção do «sêr» («o infinito absoluto») à luz das categorias metafísicas da «quantidade» («o Tempo», «o Homogeneo», «a Eternidade», «a continuidade pura») e da «qualidade» («o Sêr-Perfeito», «a Perfeição», «o espírito homogeneo e puro»), na concepção do «sêr» como possibilidade de «descontinuação», na concepção do essente (mundo, «matéria») como derivação do «sêr» (e nunca do «nada»), na concepção de que a origem do Mal e/ou do mundo por «descontinuação» do «sêr» («o infinito absoluto») só à luz do «mysterio» absoluto é afirmável e/ou inteligível.

Por sua vez, na nossa interpretação, Sampaio (Bruno), entre os pressupostos mencionados, desde logo faz supor que a assunção das categorias metafísicas da «quantidade» e da «qualidade» é chamada a ter na fundamentação do seu pensamento sobre a «essência» do «sêr» e do Mal uma importância nuclear.

É que, a partir de uma tal concepção, Bruno como que torna compreensiva a sua afirmação do Mal em termos de «quantidade» (ao nível do mundo como «tempo» e/ou «matéria») e de «qualidade» (ao nível de Deus como «espírito diminuído», «deus», Deus «não onipotente»).

Aliás, ainda que de forma um tanto encoberta, Sampaio (Bruno) faz questão de explicitar a intencionalidade desta sua concepção. Com efeito, para além de afirmar o Mal à luz das noções sob que concebe o próprio «sêr» que «descontinua» (como «Tempo» e como «Sêr-Perfeito»), Bruno vai mais longe e veicula a ideia de que a adopção das categorias metafísicas da «quantidade» e da «qualidade» representa uma opção fundamental na estratégia da sua concepção do Mal. Para Bruno, o Mal dá-se segundo o pressuposto metafísico do «sêr» tomado como «quantidade» ou «Tempo» e como «qualidade» ou «Perfeição».

Na nossa interpretação, são sobretudo três os contextos em que Sampaio (Bruno) afirma o carácter deliberado da sua estratégia: no contexto da *Carta Intima* em que alude à «hesitação» que tinha constituído para ele a «adopção de uma classificação das demonstrações da existência de Deus»<sup>1</sup>; no contexto em que se ocupa da eliminação do Mal e em que alude ao «duplo critério» da «quantidade» e da «qualidade»<sup>2</sup>; no contexto em que, após concluir pela «derradeira vez» pelo carácter «necessário» da existência do Mal, não só declara que se lhe impõe passar de imediato à explicação da «necessidade» do Mal, como declara que, ao fazê-lo, o está a fazer já pela segunda vez<sup>3</sup>.

Por um lado, Sampaio (Bruno), ao explicar por que «hesitará» «na adopção de uma classificação das demonstrações da exis-

---

<sup>1</sup> Cf. Bruno, *Idéa*, LVII-LVIII.

<sup>2</sup> Cf. *ibid.*, 464.

<sup>3</sup> Cf. *ibid.*, 459-460.

tência de Deus», indicia valorar de forma especial a «classificação» que Vacherot consagrara sobre as «demonstrações da existência e dos atributos do Ser metafísico».

É que, ao «decidir-se» por Kant, Bruno, como o faz em relação a Bouchitté e ao «neo-criticista da grande encyclopedie, até então, do século», não se limita a aludir laconicamente ao nome e/ou à «classificação» de Vacherot<sup>4</sup>.

Ao contrário, dedicando-lhe mais atenção e mais espaço, Bruno, através da transcrição dum excerto do pensamento de Vacherot, regista, no essencial, a concepção que ele consagrou sobre as «demonstrações da existência e dos atributos do Ser metafísico». E isto, porque Vacherot, na sua «classificação», como «categorias do pensamento», ao lado da «relação» e da «existên-

---

<sup>4</sup> Com vista a documentar-se a afirmação mencionada, não obstante já o termos transcrito parcialmente no volume anterior, reassumimos as palavras da *Carta Íntima* em que Sampaio (Bruno) sublinha a importância da «classificação» de Vacherot: «Com effeito, por minha humilde banda, na adopção de uma classificação das demonstrações da existencia de Deus, hesitara. Atêr-me-hia á forma commum, apartando as demonstrações metaphysicas, à priori, das demonstrações physicas e moraes, à posteriori? Aceitaria os termos respectivos de Kant, para a prova, de ontologica, cosmologica, physico-theologica (teleologica) e moral? Ou ainda accrescentar-lhes-hia (com o neo-criticista da grande encyclopedie, até então, do século) as provas psychologicas e a prova historica? Ou, pelo contrario, com Bouchitté, reduziria a duas estas provas, a fundada sobre a noção de causa e a sobre a noção de razão? No comenos, seduzir-me-hia o convite de Vacherot? Este reportava todas as provas da existencia de Deus ás seguintes categorias do pensamento: quantidade, qualidade, relação, existencia. D'este modo, as provas pela causa efficiente e pela causa final ficariam na categoria de relação; as provas pela idéa do sêr perfeito na categoria da qualidade (e da essencia, sobretudo para Vacherot, consoante do texto ulterior d'este volume se deprehenda); as provas pela idéa do ser necessario na categoria da existencia; e, emfim, as provas pela idéa do tempo e d'espaco na categoria da quantidade. Com os desvios que na marcha ideativa me pareceram logicos, decidi-me por esse cuja leitura me assombrava, pelo colossal assombro, por Kant. Mas, como copiosos sejam os argumentos em prol da existencia de Deus, accessoria e subsidiariamente me distrahi, pelo caminho, attentando. Assim, captivou-me o permittir-me meditar sobre essa reflexão philosophica do conceito mathematico da impossibilidade do numero actualmente infinito. Mais tarde, divagando, discreteei, sobre o thema, em um dos capitulos do meu livro intitulado *O Brazil mental*. Porém agora systematisaram-se-me as tentações» (*ibid.*, LVII-LVIII).

cia», engloba as categorias da «quantidade» e da «qualidade»<sup>5</sup>: «Todas as demonstrações da existência e dos atributos do Ser metafísico podem reconduzir-se às seguintes categorias do pensamento: quantidade, qualidade, relação, existência. Assim as provas *per motum et finem*, pela causa eficiente e pela causa final, desenvolvidas por Platão, por Aristóteles, por Fénelon e por Bossuet com tanto gênio e eloquência, reportam-se à categoria de relação. As provas de Descartes, pela ideia do Ser perfeito, pertencem à categoria da qualidade e da essência. As provas de Leibniz, pela ideia do ser necessário, entram na categoria da existência. Enfim, as provas de Clarke, pelas ideias de tempo e de espaço, correspondem à categoria da quantidade.»<sup>6</sup>

Por outro lado, ao caracterizar o modo de eliminação do Mal, é ainda o «duplo critério» da «quantidade» e da «qualidade» que Sampaio (Bruno) faz vir à colação. Com efeito, Bruno não só faz supor que a eliminação do Mal consubstancia «dois estadios» de «diferenciação» do «sêr», como faz supor que os «dois estadios diferenciados» são a «quantidade» e a «qualidade»:

No conceito dos dois estadios diferenciados, ha para o duplo critério (quantitativo, qualitativo), antes da revertencia final, alternancia discriminante.<sup>7</sup>

Finalmente, e este é com certeza o contexto que maior importância tem para demonstrar que Sampaio (Bruno) é inten-

---

<sup>5</sup> A interpretação que sustentamos no tocante ao facto de Sampaio (Bruno) valorar de forma especial, relativamente ao que faz em relação a terceiros, a «classificação» de Vacherot conta com um argumento adicional, mas fundamental, o de Bruno, no contexto em que se ocupa da questão da «contingência» e/ou da «necessidade» da «matéria», conceber como imprescindível que, em metafísica, sob pena de esta (como de resto as outras ciências) não chegar a ser uma ciência, se deve considerar a «quantidade» a par da «qualidade»: «Esta confusão da idéa de qualidade com a de quantidade é o grande cachopo em que se despedaça o bergantim metaphysico. Pôde, mesmo, dizer-se que nenhuma sciencia se encontra decisivamente constituída desde que, em seus lemmas basilares, não vingou passar do stadio da qualidade para o da quantidade. Egualmente acontecerá para a philosophia» (*ibid.*, 270-271).

<sup>6</sup> Vacherot, *La Métaphysique et la Science*, t. 3, 296.

<sup>7</sup> Bruno, *A Idéa*, 464.

cionado na concepção do Mal segundo o «duplo critério» da «quantidade» e da «qualidade», Bruno, ao concluir pela «derradeira vez» (a terceira) que a existência do Mal tem carácter de «necessidade»<sup>8</sup>, não só deixa perceber que lhe aparece como imperativo o dever passar de imediato à equação da origem e da natureza do Mal, como sobretudo faz questão de veicular duas coisas em relação a um tal empreendimento, a saber, que, fazê-lo, significa ocupar-se da explicação da origem e da natureza do Mal pela segunda vez («de novo»), e que, a fazê-lo pela segunda vez, o deverá fazer «pela mesma forma» por que o fizera da primeira vez:

Então pela derradeira vez, sempre o Mal é necessário?!

Para que nos aproximemos de provisória solução, teremos de considerar de novo o problema pela mesma forma por que o fiz quando me ocupei da contingência do mundo e sua necessidade; do infinito e do absoluto; da plenitude e do limite.<sup>9</sup>

Só que, para além de advertir que a justificação da «necessidade» do Mal a que procederá no presente contexto (cap. VII d'*A Idéa de Deus, Mal e Bem*) corresponde à segunda vez que «considera» o problema do Mal, que a segunda «consideração» do problema deverá dar-se «pela mesma forma» por que o fizera da primeira vez e que o contexto em que «considerara» pela primeira vez o problema do Mal foi quando se «ocupou da contingência do mundo e sua necessidade; do infinito e do absoluto; da plenitude e do limite», Sampaio (Bruno) também procederá à interpretação dos dois momentos ou contextos em que declara ter «considerado» o problema do Mal, ou seja, Bruno explicita que a segunda vez em que se ocupará do problema do

---

<sup>8</sup> Cf. *ibid.*, 459-460.

<sup>9</sup> *Ibid.*, 459-460. Como se constatará posteriormente, ao usar a expressão de «para que nos aproximemos de provisória solução», Sampaio (Bruno) querará significar que o problema do Mal nunca será susceptível de «compreensibilidade» completa na história e pela razão humana. Para Bruno, como se verá, a origem e a natureza do Mal radicam num «mysterio indecifrável» (cf. *ibid.*, 389; 460-461).



Mal corresponde à sua concepção segundo a «qualidade», enquanto que a primeira vez em que se ocupara do «problema» correspondera à concepção do Mal segundo a «quantidade»:

Aqui torna-se, porém, mais acessível a especulação crítica, porque a noção de perfeição importa a de qualidade. Do abstracto quantitativo descemos, pois, ao concreto formal, atenta a restricta amplitude de nosso entendimento.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> *Ibid.*, 460. No âmbito da concepção de Sampaio (Bruno) acerca do Mal como «quantidade» e como «qualidade», pensamos ser de ter em conta, quer a perspectiva sob que Bruno concebe metafisicamente as categorias da «quantidade» e da «qualidade», quer a perspectiva metafísica sob que as mesmas categorias são concebidas em Hegel e em São Tomás de Aquino. Por um lado, constata-se que Bruno, concebendo o «sêr» («o infinito absoluto») quer como «Quantidade», quer como «Qualidade», revela tomar a «Quantidade» e a «Qualidade» como «entidades» que, enquanto «sêr», são ontologicamente indissociadas uma da outra. Em Bruno, tanto se dá que a «quantidade deriva da comparação da qualidade [...] á qualidade», como se dá que a «qualidade» é «extensão, isto é movimento»: «D'est'arte, resulta constituida a clausula imprescindível e basilar da sciencia, que é a quantidade; esta deriva da comparação da qualidade (isto é extensão, isto é movimento) á qualidade. A mensurabilidade da grandeza, ainda que não possível *ao nosso* espirito, concebe-se bem que é sempre possível *ao espirito*, vistocomo a grandeza seja, de essencia, o susceptível de augmento ou diminuição, isto é de contavel em unidade de medida. A qual a nossa insufficiencia pode não possuir» (*ibid.*, 393-394; cf. também in *ibid.*, 397). Por outro lado, constata-se que Hegel também concebe o «puro ser» ou «o absoluto» como «Quantidade» (é mesmo possível pressentir na concepção de Bruno, designadamente no tocante ao entendimento da «grandeza», uma certa convergência com a concepção de Hegel), sendo que na concepção de Hegel «o ser real, na sua evolução contínua, não é nem qualidade pura, nem quantidade pura, mas qualidade quantificada e quantidade qualificada», porque, para o metafísico idealista alemão, «o infinito da quantidade, é o momento qualitativo desta»: «A *quantidade* é o puro ser em que a determinidade já não se põe enquanto uma com o próprio ser, mas como *superada* ou *indiferente*. 1) A expressão *grandeza* não é adequada para a quantidade, visto que designa principalmente a quantidade *determinada*. 2) A matemática costuma definir a grandeza como o que se pode *aumentar* ou *diminuir*; embora esta definição seja defeituosa, porque contém de novo o definido, depara-se nela, contudo, [com o pensamento de] que a determinação da grandeza é tal que se põe como *variável* e *indiferente*, de maneira que [...]. 3) O absoluto é pura quantidade: — este ponto de vista coincide em geral com o que dá ao absoluto a determinação de *matéria*, na qual a forma está, sem dúvida, presente, mas é uma determinação indiferente. Também a quantidade constitui a determi-

De facto, ao identificarmos e interpretarmos os contextos em que Sampaio (Bruno) diz ter «considerado» o problema do Mal, e aos quais conota com o «criterio» da «quantidade» e com o «criterio» da «qualidade», nós não só constatamos que o primeiro contexto (o que Bruno conota com a «consideração» do Mal segundo a «quantidade») nos aparece na parte final do cap. VI d'A *Idéa de Deus — Infinito e Perfeito* e que ele configura consubstanciar o relato da origem e da natureza do mundo a partir do «sêr» ou «o infinito absoluto» concebido como «Tempo» («Homogeneo»), e que o segundo contexto (o que Bruno conota com a «consideração» do Mal segundo a «qualidade») nos aparece no capítulo VII d'A *Idéa de Deus — Mal e Bem* e que ele consubstancia o relato da origem e da natureza do Mal a partir do «sêr» ou «o infinito absoluto» concebido como «Perfeição» («espírito homogeneo e puro»), como constatamos que a «fôrma» que Bruno seguira da primeira vez, no cap. VI d'A *Idéa de Deus — Infinito e Perfeito*, para «considerar» o problema do Mal e/ou do mundo, fora a de conceber o Mal e/ou o mundo à luz dum entendimento do «Tempo» segundo três grandes «momentos» (o «momen-

---

nação fundamental do absoluto quando se concebe que nele, no absolutamente indiferente, toda a diferença é apenas quantitativa [...]. A quantidade, antes de mais, na sua relação imediata a si ou na determinação da igualdade consigo mesma posta pela atracção, é *contínua*; na outra determinação do *um* nela contida, é grandeza *discreta* [...]. 1) A grandeza contínua e a grandeza discreta não devem, pois, considerar-se como *espécies*» (Hegel, *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, vol. I, §§ 99 e 100; cf. também V. Sousa Alves, «S. Tomás de Aquino e a categoria de quantidade», in *Actas do Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Faculdade de Filosofia de Braga, t. XXXVIII-II (1982) 22); finalmente, constata-se que São Tomás de Aquino, ao contrário de Hegel e de Bruno (que equacionam o «sêr» ou «o absoluto» como «Quantidade»), concebe, na sequência de Aristóteles, a «quantidade» como uma «categoria» do essente, i. é, como «propriedade ou acidente de *entes finitos materiais*», ainda que considerando que «a qualidade e os outros acidentes se *fundam e fluem* através da quantidade» (cf.: São Tomás de Aquino, *Suma contra los Gentiles*, lib. I, IV, 65; *id.*, *Sent.* IV, d. 12, q. 1, a. 1, in S. Thomae Aquinatis, *Opera Omnia*. Italia: «Cartiere Binda-Milano, vol. 1, 1980; *id.*, *Suma de Teología*, parte II, q. 52, a. 1; sobre a concepção de São Tomás de Aquino acerca da «Quantidade», cf. também Sousa Alves, «S. Tomás de Aquino e a categoria de quantidade», in *ibid.*, t. XXXVIII-II (1982), 3-28).

## ÍNDICE GERAL

### PARTE TERCEIRA

#### A «DESCONTINUAÇÃO» DO «SÊR»: O «MYSTERIO INDECIFRAVEL» DA ORIGEM E DO FIM DO MAL

CAP. I — A «DESCONTINUAÇÃO» DO «SÊR»: ORIGEM E NATU- REZA DO MAL.....	9
O Mal no mundo e em Deus .....	10
As influências e/ou as referencialidades da concepção de Sam- paio (Bruno) .....	46
CAP. II — A «REINTEGRAÇÃO» DO «SÊR»: A ELIMINAÇÃO DO MAL	103
A eliminação do Mal no mundo e em Deus .....	105
O «Homem», o «progresso» e a eliminação do Mal .....	158
O «mysticismo idealista» e a eliminação do Mal.....	244
«Os Cavaleiros do Amor» e a eliminação do Mal.....	317
<i>Síntese conclusiva</i> .....	383
Conclusão .....	391
*	
Bibliografia .....	403
Índice analítico .....	431
Índice onomástico .....	457

Vol. I

Prefácio, por ARNALDO DE PINHO .....	7
Introdução .....	11

*PARTE PRIMEIRA*

**DO MAL MORAL AO MAL METAFÍSICO: A EXISTÊNCIA  
ONTOLÓGICA DO MAL**

CAP. I — A ETIOLOGIA DUM PENSAMENTO: A IDEIA DO MAL EM SAMPAIO (BRUNO) .....	21
Da «philosophia de uma biographia» à ideia do Mal .....	24
Da maldade histórica do homem ao problema do Mal .....	62
CAP. II — DO MAL MORAL AO MAL METAFÍSICO .....	93
O Mal em Amorim Viana: entre Leibniz e Spinoza .....	94
O Mal em Santo Agostinho: o Mal moral .....	102
O <i>malum metaphysicum</i> de Leibniz: a evolução na continuidade .....	109
O Mal em Sampaio (Bruno): uma existência ontológica .....	150
<i>Síntese conclusiva</i> .....	153

PARTE SEGUNDA

A GNOSEOLOGIA E A METAFÍSICA  
À LUZ DO PENSAMENTO DE SAMPAIO (BRUNO)

CAP. I — O PENSAMENTO GNOSEOLÓGICO DE SAMPAIO (BRUNO)	159
Nem metafísica tradicional, nem positivismo .....	160
Pressupostos e/ou perspectivas do Conhecimento em Sampaio (Bruno) .....	162
Do Erro ontológico ao Conhecimento gnóstico: uma «Religião da Razão» .....	254
A autenticação do Conhecimento gnóstico pela «revelação» .....	313
Do Conhecimento gnóstico à «inspiração» da arte e da ciência	357
CAP. II — O PENSAMENTO METAFÍSICO DE SAMPAIO (BRUNO) .....	403
Da «contingencia mundi» à «necessidade derivada» e à «con- tingencia» como «idéa da liberdade» .....	405
Da «finalidade» à «ordem» do mundo como «mecanismo teolo- gógico» .....	474
A impossibilidade da afirmação de Deus pela razão .....	527
A origem e o fim do mundo por «descontinuação» do «sêr» .....	602
<i>Síntese conclusiva</i> .....	679
*	
Índice analítico .....	685
Índice onomástico .....	721